



A frente ribeirinha de Lisboa

Projeto de requalificação do aterro da Boavista e a nova escola de artes performativas

Lisboa sempre teve uma profunda relação com o rio Tejo, desde a sua fundação, como um dos principais portos da Europa, até aos dias de hoje. O território em análise, o aterro da Boavista, não foi exceção e ficou claramente marcado pela passagem da industrialização por estes territórios, tendo permanecido com algumas cicatrizes que se verificam até à atualidade. Em Lisboa, a necessidade funcional, através da criação de zonas portuárias com cada vez maior escala, em função de uma necessidade de acolher navios cada vez maiores, ditou o final da relação com o rio, sendo esta meramente funcional e levando até ao final do sec. XX, a um crescimento sucessivo do porto industrial. Esta tendência, no século seguinte veio a inverter-se através da realocação da indústria pesada, deixando para trás vastas áreas ribeirinhas livres. Hoje em dia, existe um grande esforço, principalmente ao nível dos municípios de tentar revitalizar estas zonas das cidades, dotando-as de novos equipamentos, e dando novos usos e atividades, convidando de novo à utilização destes espaços e explorando o seu potencial. Ao se tratar de uma zona ribeirinha, a ameaça da subida do nível médio das águas do mar apresenta-se como um fator crítico ao repensar estes territórios frágeis. A análise de alguns casos de estudo em frentes ribeirinhas, e o seu processo de renovação torna-se assim fundamental para a compreensão das características e potencialidades destes territórios, bem como para a compreensão das estratégias propostas. Assim sendo, tendo como base o estudo realizado tanto em turma como individualmente, surge uma proposta que pretende resolver os constrangimentos do local, através da reestruturação e reorganização do edificado, e das suas atividades, vocacionadas para uma frente ribeirinha dedicada essencialmente ao lazer e à cultura num percurso contínuo em toda a sua extensão.

Apresenta-se a proposta que tem como objetivo requalificar a antiga zona portuária através da criação de um momento central em torno do qual se desenvolve todo o projeto. Esse polo central é dado a partir de três elementos que criam entre si um sistema, dando origem a um núcleo central a partir do qual se desenvolve o desenho do espaço: (1) uma praça de água, (2), uma torre e (3) um edifício-ponte.

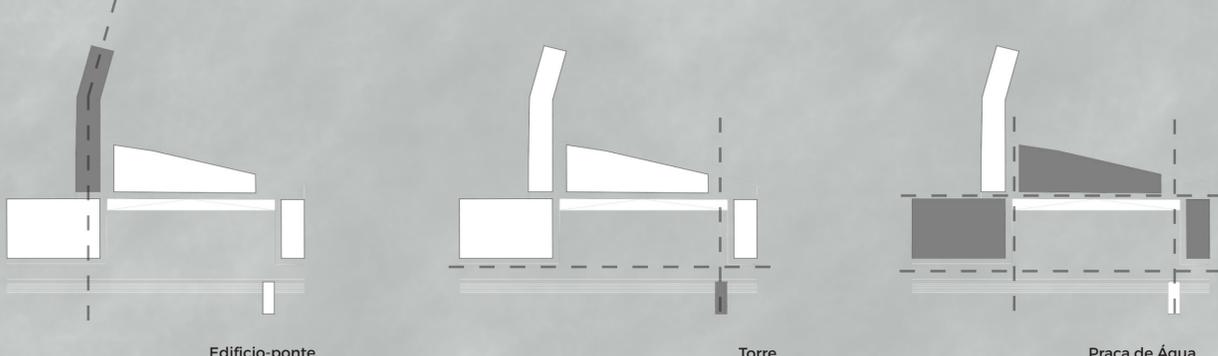




1. Skate park
2. Restaurante
3. Pavilhão multiusos
4. Escola de artes performativas
5. Edifício-ponte
6. Equipamento cultural
7. Praça de água
8. Torre
9. Jardim
10. Saída do metropolitano

Sendo um problema o atravessamento entre a zona norte e sul da linha, é proposto um novo edifício-ponte que pretende unir, de forma qualificada, ambas as partes da cidade e criar um novo eixo de ligação entre a cidade e o rio. Tendo como limites este novo eixo e o alinhamento da avenida D. Carlos I, é proposta uma nova praça de água que permite a criação de um novo espaço público, bem como a sua proteção em caso de inundação, cheias ou fenómenos de pluviosidade. É proposta ainda uma nova torre, que pretende afirmar-se perante o rio, localizada no alinhamento da avenida D. Carlos I, na intersecção entre a mesma e um novo passeio ribeirinho proposto ao longo de toda a extensão da proposta. Este percurso proposto eleva-se em 1,5m de forma a defender o território existente da subida do nível das águas do mar, interrompido apenas no momento central da praça.

Um dos objetivos da proposta é a preservação da identidade do local. Esta identidade é fortemente marcada pelos antigos armazéns vistos do rio para Lisboa. Sendo um lugar de carácter industrial, é proposta a reabilitação de grande parte da volumetria presente, através da sua conversão em outros equipamentos, ficando uma memória. As novas volumetrias propostas, tentam, de alguma forma enfatizar a essência industrial do lugar, através do seu ordenamento, posição e proporção, criando um ritmo de espaços dinâmicos em sequência, paralelos ao rio.



Edifício-ponte

Torre

Praça de Água

3/6 ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS - PISO 1

A nova praça de água central que pretende conservar a cota atual do terreno, sendo que, o edificado encontra-se sobrelevado cerca de 1,5 metros numa plataforma de embasamento. Esta nova praça de água funcionará como forma de escoamento das águas provenientes do eixo do vale de S. Bento. Esta praça cria um momento central, a partir do qual se desenvolve a restante malha urbana, criando um espaço aberto, com uma área aproximada de 10.000 m².

O desenho desta nova praça pretende criar um momento de chegada e centralidade no aterro, recebendo o fluxo de pessoas previsto do novo edifício da estação de comboios de Santos e do passeio ribeirinho. Esta nova praça é formada pelo edifício da escola de artes performativas e os volumes já existentes. O edificado que define a praça, será composto por um programa cultural, integrado no ritmo marcado pelo conjunto cada vez maior de edifícios, locais e monumentos que marcam toda a frente ribeirinha.

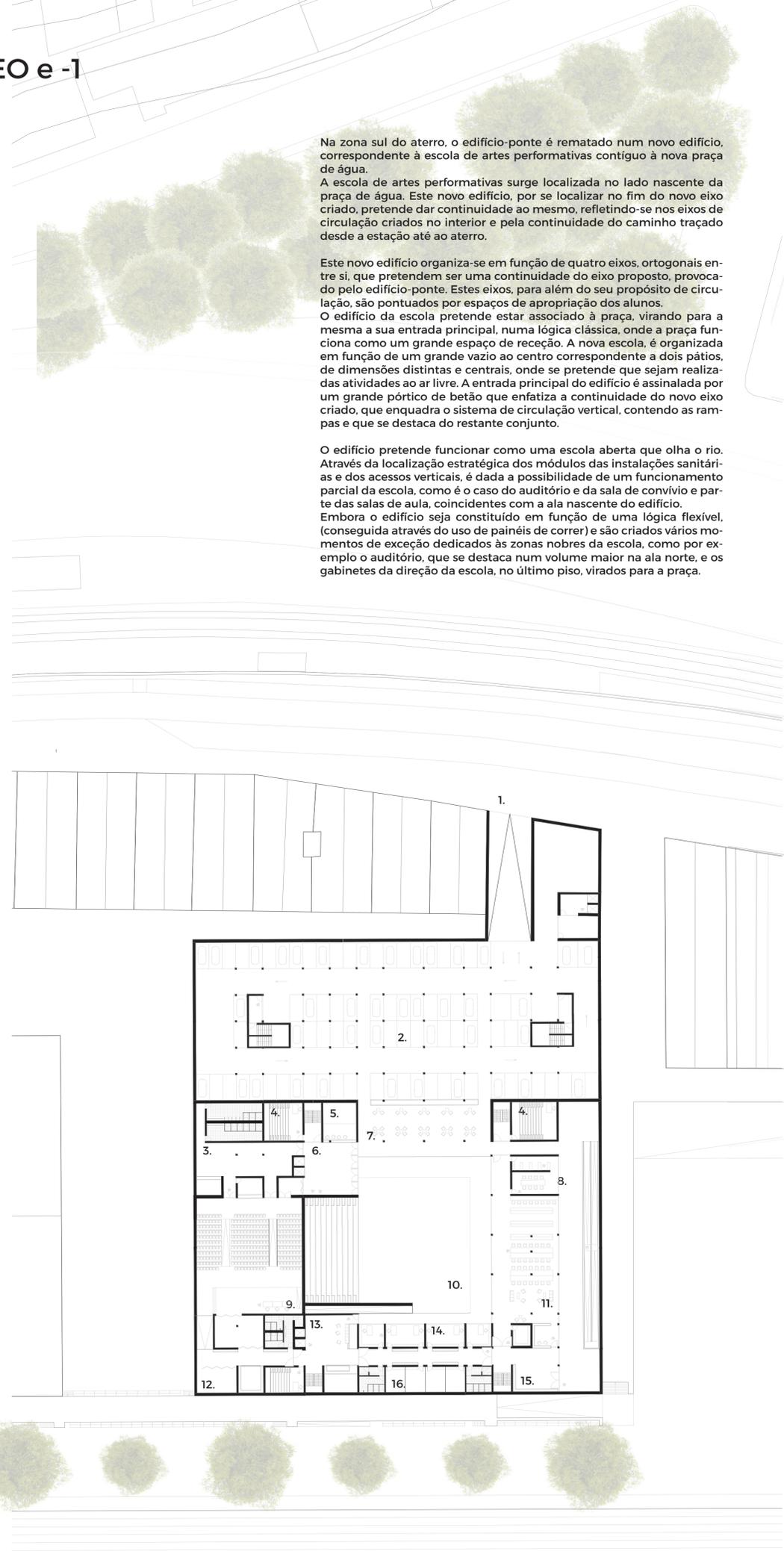
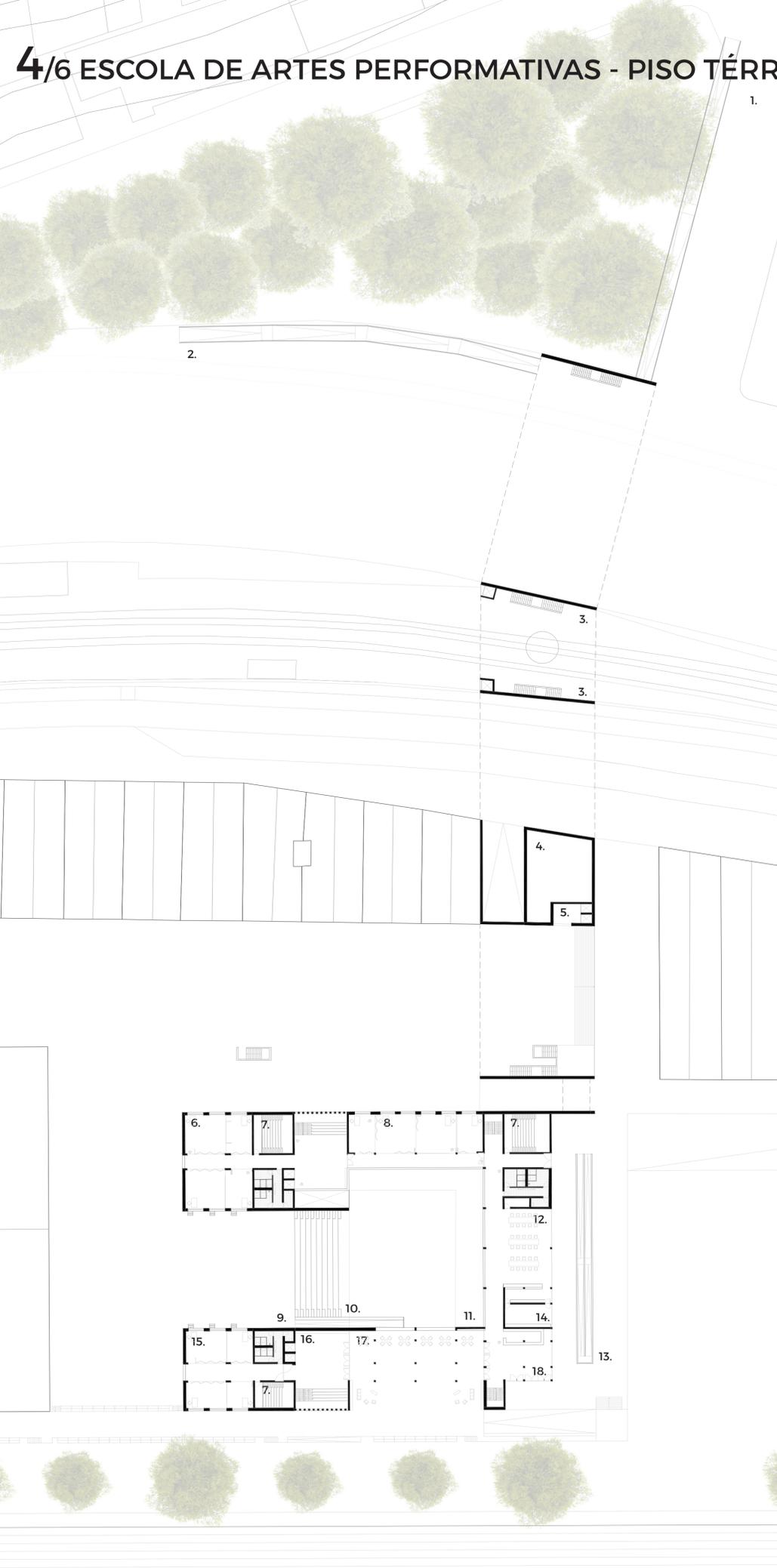
Além da praça, que pontua a chegada, tanto dos previsíveis fluxos de pessoas como, do alinhamento da avenida D. Carlos I, esta é ainda rematada com uma torre que pretende afirmar-se sobre o rio. Esta nova torre pretende integrar-se no local, dando-lhe um novo caráter, consistência e uma identidade própria criando um ponto de referência, tanto de terra como do rio. A torre pretende tirar partido do sistema de vistas do local em várias vertentes: de controlo, cultural e de recreio. Esta nova torre pretende também integrar-se no ritmo já pontuado por algumas construções ao longo da margem do rio que é quebrado no local.

O edifício-ponte pretende vencer a barreira imposta pelo comboio de forma qualificada, prolongando e ligando dois espaços públicos: o jardim de Santos e a nova praça de água proposta, na zona sul do aterro. Este novo edifício-ponte público pretende albergar, no piso térreo o programa da estação de comboios de Santos, articulando com três eixos fundamentais: um eixo horizontal formado pela avenida 24 de Julho e dois eixos verticais, a rua de S. João da Mata/Calçada Ribeiro Santos e o eixo proposto. No piso superior, o edifício-ponte pretende albergar um espaço expositivo, exterior coberto, pontuado por algumas entradas de luz zenital e de apropriação pública, apoiado com zonas de espera para o comboio e dois quiosques. Esta solução, aproximada a uma ponte, pretende assegurar o acesso e a mobilidade do local, de forma a minimizar o máximo possível o seu impacte visual e sombras provocadas.

1. Entrada norte do edifício-ponte
2. Galeria de exposição 1
3. Sala de espera
4. Acesso à estação de comboios
5. Galeria de exposição 2
6. Quiosque
7. Sala de Exposição 3
8. Sala de Música
9. Sala de Teatro
10. Entrada Secundária
11. Sala de Convívio
12. Gabinetes da Direção
13. Rampa de acesso aos pisos inferiores
14. Salas de Dança
15. Terraço

Planta do piso 1 e secção longitudinal 0 5 10 20 25 metros

4/6 ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS - PISO TÉRREO e -1



Na zona sul do aterro, o edifício-ponte é rematado num novo edifício, correspondente à escola de artes performativas contíguo à nova praça de água.

A escola de artes performativas surge localizada no lado nascente da praça de água. Este novo edifício, por se localizar no fim do novo eixo criado, pretende dar continuidade ao mesmo, refletindo-se nos eixos de circulação criados no interior e pela continuidade do caminho traçado desde a estação até ao aterro.

Este novo edifício organiza-se em função de quatro eixos, ortogonais entre si, que pretendem ser uma continuidade do eixo proposto, provocado pelo edifício-ponte. Estes eixos, para além do seu propósito de circulação, são pontuados por espaços de apropriação dos alunos.

O edifício da escola pretende estar associado à praça, virando para a mesma a sua entrada principal, numa lógica clássica, onde a praça funciona como um grande espaço de receção. A nova escola, é organizada em função de um grande vazio ao centro correspondente a dois pátios, de dimensões distintas e centrais, onde se pretende que sejam realizadas atividades ao ar livre. A entrada principal do edifício é assinalada por um grande pórtico de betão que enfatiza a continuidade do novo eixo criado, que enquadra o sistema de circulação vertical, contendo as rampas e que se destaca do restante conjunto.

O edifício pretende funcionar como uma escola aberta que olha o rio. Através da localização estratégica dos módulos das instalações sanitárias e dos acessos verticais, é dada a possibilidade de um funcionamento parcial da escola, como é o caso do auditório e da sala de convívio e parte das salas de aula, coincidentes com a ala nascente do edifício.

Embora o edifício seja constituído em função de uma lógica flexível, (conseguida através do uso de painéis de correr) e são criados vários momentos de exceção dedicados às zonas nobres da escola, como por exemplo o auditório, que se destaca num volume maior na ala norte, e os gabinetes da direção da escola, no último piso, virados para a praça.

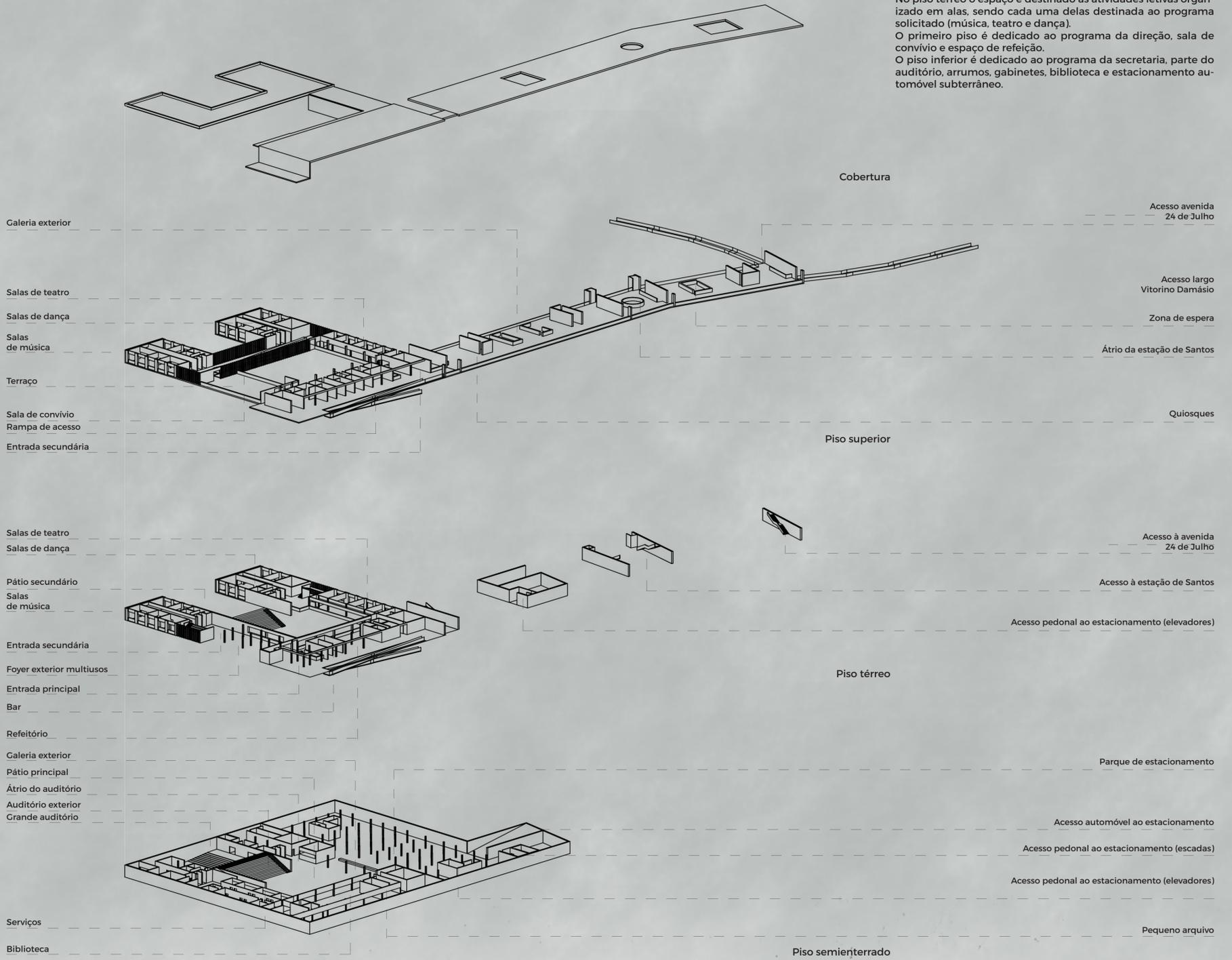
1. Entrada norte (largo Vitorino Damásio)
2. Entrada Nascente (avenida 24 de Julho)
3. Bilheteira automática
4. Comércio
5. Acesso ao estacionamento
6. Salas de dança
7. Auditório
8. Salas de Teatro
9. Pátio secundário
10. Auditório exterior
11. Pátio principal
12. Sala de Convívio
13. Rampa de acessos
14. Bar
15. Salas de Música
16. Entrada Secundária
17. Foyer exterior multiusos
18. Entrada principal (Passeio ribeirinho)

1. Entrada norte do estacionamento
2. Estacionamento
3. Antecâmara do Grande auditório
4. Auditório
5. Receção
6. Átrio do Grande auditório
7. Galeria exterior
8. Pequeno arquivo
9. Grande auditório
10. Pátio
11. Biblioteca
12. Bastidores
13. Entrada secundária
14. Serviços
15. Entrada secundária
16. Arrumos

Planta do piso térreo e alçado sul. 0 5 10 20 25 metros

5/6 ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS - ORGANIZAÇÃO INTERIOR

No piso térreo o espaço é destinado às atividades letivas organizado em alas, sendo cada uma delas destinada ao programa solicitado (música, teatro e dança).
 O primeiro piso é dedicado ao programa da direção, sala de convívio e espaço de refeição.
 O piso inferior é dedicado ao programa da secretaria, parte do auditório, arrumos, gabinetes, biblioteca e estacionamento automóvel subterrâneo.



O projeto tem também o objetivo de contagiar a sua realidade mais próxima, levando a uma progressiva requalificação total da frente ribeirinha, seguindo as premissas de Jan Gehl, tornando este lugar melhor, com novas vivências, com maior dinâmica, mais segurança, tentando minimizar o impacto imposto pela barreira física.

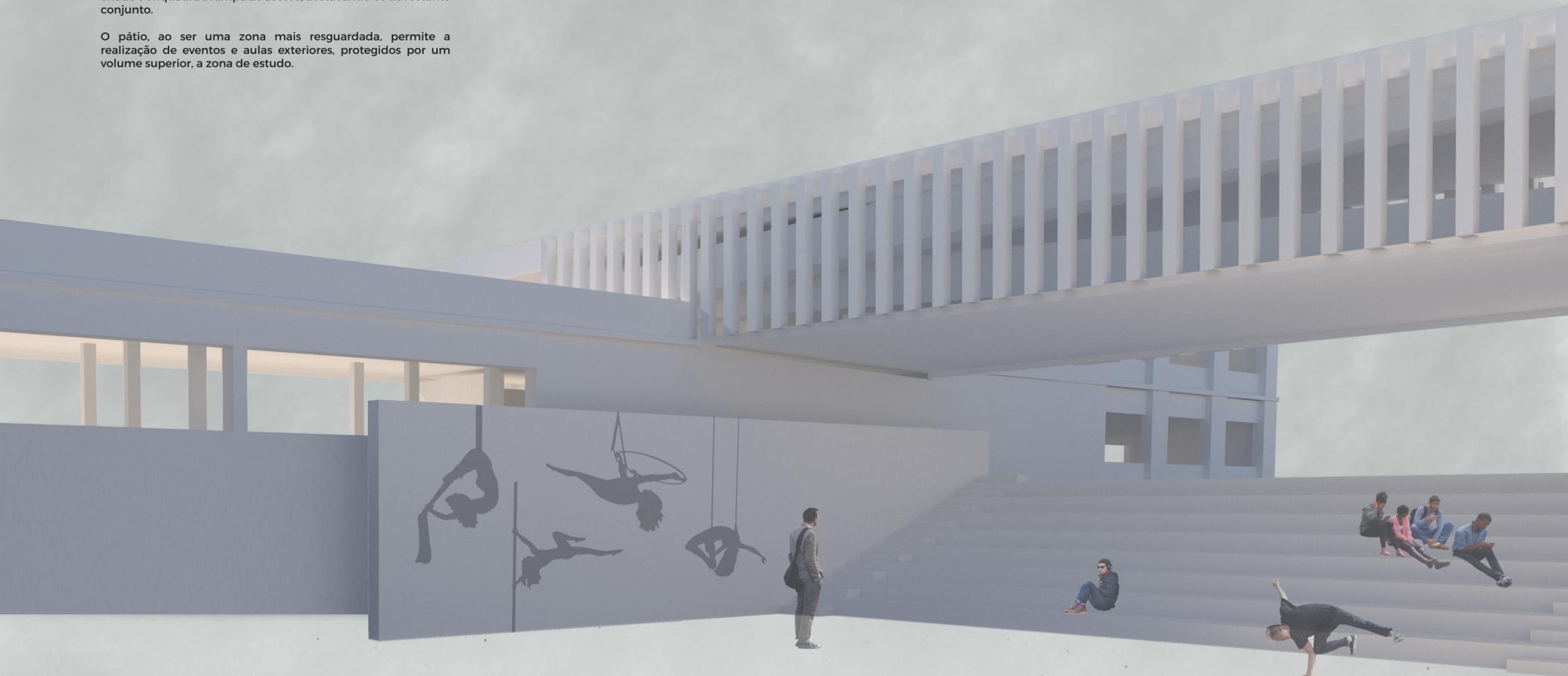
Axonometria e fotomontagem da proposta

6/6 ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS - AMBIENTE PROPOSTO



A entrada principal do edifício é assinalada por um grande pórtico de betão que enfatiza a continuidade do novo eixo criado e enquadra a rampa de acesso, destacando-se do restante conjunto.

O pátio, ao ser uma zona mais resguardada, permite a realização de eventos e aulas exteriores, protegidos por um volume superior, a zona de estudo.



Relativamente à construtividade do edifício, este é composto por uma estrutura regular em betão, sendo as paredes exteriores em tijolo, alusivo às preexistências. A compartimentação das salas é feita com recurso a painéis amovíveis permitindo a abertura ou fecho das mesmas consoante o número de alunos, proporcionando áreas maiores ou mais pequenas, num formato mais flexível. Algumas das salas de aula possuem pé direito duplo, procurando uma relação visual com o piso superior.

Secção transversal pelas salas de aula e grande auditório 0 0,5 1 2 3 metros

Mestrado Integrado em Arquitetura | Projeto Final de Arquitetura | Laboratório: Lisboa e o Rio
Orientadoras: Doutora Arquiteta Teresa Madeira da Silva e Mestre Arquiteta Caterina Francesca Di Giovanni
Discente: Luís Filipe Leonardo Ribeiro | Novembro, 2021

iscte INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA